

# VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



## TRABALHO NA RELAÇÃO SOCIEDADE X INDIVÍDUO: DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL AOS REFLEXOS NO MUNDO DOS HOMENS

Renata Bezerra de Sousa Vieira<sup>1</sup>

Nayara Fernanda Magalhães Feitosa<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir do entendimento do que vem a ser a chamada “ontologia”, neste estudo buscou-se compreender como o trabalho se apresenta enquanto categoria fundante do ser social, bem como que desdobramentos são oriundos dessa relação no mundo dos homens. Considerando categorias centrais que permeiam esse processo, objetiva-se apresentar pontos norteadores ao entendimento da centralidade do trabalho, problematizando também o trabalho no modo de produção capitalista e alguns dos rebatimentos e reflexos nos dias atuais, frente às mais diversas e, cada vez mais, precárias relações de trabalho e consequências nefastas em relação a classe trabalhadora. Torna-se imperioso salientar que o presente artigo não tem a pretensão de esgotar todas as questões referentes ao tema, desse modo limita-se a tratar de tais pontos de forma despretensiosamente sutil, tendo em vista o breve espaço do trabalho em questão quando comparado ao enorme arcabouço teórico já construído a respeito da temática por diversos estudiosos.

**Palavras-chave:** Ontologia. Trabalho alienado. Capitalismo.

### 1 Introdução

Pensemos inicialmente na natureza, aqui interpretada como sendo composta pelas suas dimensões inorgânica e orgânica (ou biológica), de formação da base ontológica pautada em um constante movimento de “vir a ser”, de mutação inesgotável de reprodução, quer enquanto continuidade, quer enquanto reprodução do mesmo, que lhe é inerente.

O homem, ao estabelecer com a natureza uma relação de forma previamente idealizada, a que se denomina teleologia e a partir da qual ele se diferenciará essencialmente dos demais seres tidos como ‘inanimados’, buscará satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência, a partir do trabalho, modificando a natureza e, conseqüentemente, a si mesmo.

Será a partir desse trabalho útil, então, que a atividade humana transformará a natureza segundo as suas vontades, gerando valores de uso e se constituindo como alicerce fundamental na compreensão do uma terceira esfera: a do “ser social”. Embora esse ser social dependa da matéria inorgânica/orgânica, ele não se esgotará nela, visto que apresentará uma

1. Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social na Universidade Estadual do Ceará (MASS/UECE). Especialista em Serviço Social, Seguridade Social e Legislação Previdenciária pela Pótere Assessoria Social. E-mail: [renatinha\\_vieira16@hotmail.com](mailto:renatinha_vieira16@hotmail.com).

2. Mestranda em Serviço Social, Trabalho e Questão Social na Universidade Estadual do Ceará (MASS/UECE). Discente da Especialização em Serviço Social, Políticas Públicas e Direitos Social na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: [nayaranandamagalhaes@gmail.com](mailto:nayaranandamagalhaes@gmail.com).

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



qualidade específica que o difere dos demais seres: a teleologia. Através da consciência, mediatizados pela linguagem e pela cooperação entre os homens, é que restará possível o salto ontológico que vai do ser biológico ao aludido ser social.

No entanto, ao se pensar nas relações contemporâneas de trabalho, deparar-se-á com características que lhes são peculiares frente ao modo de produção capitalista. Um trabalho como fenômeno coletivo, onde a produção de mercadorias é social, mas irá contrastar com a apropriação privada. Como consequência, desse fenômeno, tem-se a alienação do trabalhador em relação ao seu trabalho, ao produto de seu trabalho e aos demais seres humanos.

Vale ressaltar, que a precarização no mundo do trabalho, bem como os interesses contraditórios e tensões entre os detentores dos meios de produção e os trabalhadores, também repercutirão no cenário de prática cotidiana dos assistentes sociais, que atuarão nas mais diversas expressões da questão social, mediando as relações entre a classe trabalhadora, o Estado e as classes dominantes.

Diante dessa realidade, conhecer os elos de ligação entre tais fatores e determinantes, bem como os pressupostos ao entendimento e formação dos pilares de tal processo na forma como hoje o apreendemos, revela-se sobremaneira importante. Assim, objetivou-se compreender o trabalho em seus primórdios enquanto categoria fundante do ser social e, na modernidade, suas configurações na sociedade do capital.

## **2 Natureza e ser social: trabalho como mediação**

Diante das diversas interfaces da realidade, refletir sobre como se dá o processo de inserção dos indivíduos no seu meio social é algo de grande relevância, devendo-se, para tanto, decifrar e compreender a totalidade dos fatos que os cercam, buscando a essência dos fenômenos a partir do imediato. Lukács tratará desse processo, apontando ser o método marxiano o que mais nos aproxima, de forma efetiva, do real, ao considerar que:

[...] para desemaranhar a questão, devemos recorrer ao método marxiano por duas vias [...]: primeiro decompor, pela via analítico-abstrativa, o novo complexo do ser, para poder, então, a partir desse fundamento, retornar (ou avançar rumo) ao complexo ser social, não somente enquanto dado e, portanto, simplesmente representado, mas agora também compreendido na sua totalidade.”(LUKÁCS, 1979, p. 42).

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Considerar tal perspectiva do real, pressupõe, conseqüentemente, adotar a seguinte posição: apenas chegaremos a uma apreensão mais aproximada da realidade se percebermos esta como sendo uma síntese de múltiplas determinações. Para tanto, conforme defendem de forma veemente Marx e Lucács, o ponto de partida seria outra relevante categoria: o trabalho. Dessa forma,

[...]Com vistas a investigar a gênese do ser social, Lukács procura analisar os vínculos e as distinções entre o ser meramente orgânico (animal) e o ser social (homem). Nesse caso, ele esclarece também que se trata da passagem de um nível de ser a outro, ou seja, de um salto ontológico – uma mudança qualitativa e estrutural do ser. (DUAYER; ESCURRA; SIQUEIRA, 2013, p. 19).

Será, então, a partir desse paralelo que vai do simples ao complexo, que Lukács indicará a existência de três esferas basilares de sua teoria, que deverão interagir entre si: a esfera inorgânica, a esfera biológica e a, por fim, denominada esfera do “ser social”, sendo esta a mais complexa de todas, a mais evoluída, mas também, em contraponto, a mais dependente das demais. Em maiores detalhes, Lessa apresentará tal concepção de Lukács ao colocar que

Para Lukács, portanto, existem três esferas ontológicas distintas: a inorgânica, cuja essência é o incessante tornar-se outro mineral; a esfera biológica, cuja essência é o repor o mesmo da reprodução da vida; e o ser social, que se particulariza pela incessante produção do novo, por meio da transformação do mundo que o cerca de maneira conscientemente orientada, telelogicamente posta. (LESSA, 2007, p.24-25).

Para pensar tal esfera social, recorreremos ao direcionamento de Marx, segundo a qual primeiro se busca decompor o complexo do ser, para só depois poder avançar no sentido de sua totalidade e não apenas do que foi dado (LUKÁCS, 2013).

Convém compreender, ainda, que será a partir desse “salto ontológico” acima mencionado que haverá a possibilidade de se alcançar um novo “momento predominante”, contextualizando e explicando a inserção da categoria trabalho como mediadora da relação entre a esfera social e as demais esferas (biológica e inorgânica), todas interdependentes e se constituindo mediante processos distintos, mas simultâneos, a saber:

[...] Em sua obra, *Para a ontologia do ser social*, esse autor realiza uma exposição dos nexos causais do ser social, demonstrando as articulações e as distinções entre o ser social e a natureza. Ao realizar esse procedimento metodológico, Lukács evidencia a unitariedade só ser social, já que, para ele, o mundo dos homens se

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



distingue da natureza porque se funda em atos teleologicamente postos, enquanto a natureza é portadora de uma causalidade dada. (ORGANISTA, 2006, p.13).

Temos, destarte, que “[...] *essencial ao trabalho é que nele não apenas todos os movimentos, mas também os homens que o realizam, devem ser dirigidos por finalidades determinadas previamente. Portanto, todo movimento é submetido a um dever-ser*” (LUKÁCS, 1978, p. 7).

Ou seja, será a partir da capacidade teleológica do homem de idealizar previamente sua ação, que se encontrará a centralidade do trabalho para se explicar o ser social. Sendo assim, o trabalho irá se apresentar, na verdade, como uma forma de práxis social, (LUKÁCS, 2013, p. 62), “[...] *um processo entre atividade humana e natureza: seus atos estão orientados para a transformação de objetos naturais em valores de uso*”.

O que se observa é a estreita relação de dependência que o ser estabelece para com a natureza, facilmente percebida ao considerar o que Netto volta a nos apresentar:

A sociedade não pode existir sem a natureza – afinal, é a natureza, transformada pelo trabalho, que propicia as condições da manutenção da vida dos membros da sociedade. Toda e qualquer sociedade humana tem sua existência hipotecada à existência da natureza – o que varia historicamente é a modalidade da relação da sociedade com a natureza [...] Mas é invariável o fato de que a reprodução da sociedade depende da existência da natureza (a natureza, porém, pode existir e subsistir sem a sociedade) (NETTO, 2008, p. 35).

Porém, na sociedade capitalista, o trabalho não tem a finalidade de gerar valor de uso e a humanização do ser social, mas objetiva, primordialmente, a geração demais valia ao modo de produção capitalista. No referido sistema, o valor de uso está subsumido ao valor de troca, onde explicita-se o caráter mercantil que adentrará o processo de produção, onde o trabalho influenciará, diretamente, nas concepções culturais, ditando padrões de belo, de estética, entre outros, dentro desse perfil neoliberal voltado ao consumo.

O capital na potência da sua constituição pode ser percebido em seus efeitos, que são: a superficialização das relações sociais e o esvaziamento progressivo das necessidades humanas, que são introjetadas e estimuladas pela ideologia burguesa dominante, corroborando na descartabilidade das mercadorias, no rebaixamento da emoção e da tonalidade dos afetos que dão lugar ao tédio, à repetição à insignificância emotiva, ao individualismo e ao aumento do fosso das desigualdades de toda ordem (IAMAMOTO, 2010).

De acordo com a mesma fonte, o capital, em seu movimento de busca incessante por mais-valia, produz a invisibilidade do trabalho e das relações de exploração que compõe a relação das classes fundamentais (burguesia e proletariado). Esse modo de produção também



gera a banalização do humano, condizente com a indiferença ante a esfera das necessidades sociais e dos valores de uso. Aumenta potencialmente as desigualdades inerentes a essa relação social, que são inexequíveis sem a ativa intermediação do Estado capitalista e das políticas econômicas e sociais implementadas.

### **3 Da práxis social do trabalho à totalidade decifrada**

Agora que já se sabe como se deu a relação entre o homem, ser social, e a natureza, considerada aqui em suas esferas orgânica e inorgânica também, ou seja, quando já se consegue compreender, ontologicamente, a passagem do ser biológico para o ser social a partir do trabalho, passamos, então, para segundo questionamento: como dar conta dessa infinda totalidade social, permeada por determinações multifacetadas, oriundas das mais diversas leituras do meio?

Alves (2009) nos traz que devemos considerar a categoria “experiência” como possibilidade para conseguir se aproximar, de modo mais eficaz, da totalidade do real, a ponto de conseguir decifrá-la, partindo, para tanto, de suas duas modalidades, a saber:

[...] A 'experiência percebida' (que muitos identificam imediatamente à palavra 'experiência'), diz respeito à exposição de relatos de vida de sujeitos / agentes assalariados – assujeitados pelo salário – em processo de reestruturação. Em se move na direção do que Marx denominou 'consciência social' [...]. Por outro lado, a 'experiência vivida' vincula-se às regularidades no interior do ser social, que, com frequência, resultam de causas materiais e que ocorrem de forma independente da consciência ou da intencionalidade. (ALVES, 2009, p. 189).

Assim, esse processo seria de constante suspensão do cotidiano, de contínuo rompimento com o aparente, com o que se vê à primeira vista, cabendo aqui abordar três conceitos de grande importância, que implicarão diretamente para o alcance do objetivo maior de decifrar a realidade. Esses conceitos seriam os de: singularidade, particularidade e universalidade, estando os três em constante movimento e compondo uma espécie de ciclo necessário de interpretação do real.

Primeiramente, deve-se buscar se apropriar do que nos é dado de forma imediata, o que se vê na aparência; depois, superar esse imediato, a partir de aproximações sucessivas, para chegar, finalmente, na suspensão do cotidiano. Parte-se do pressuposto de que o sujeito, sendo gênero humano, está envolto, portanto, em uma grande infinidade de determinações que o influenciam direta e indiretamente, refletindo em suas considerações acerca do mundo, bem como em ações que realiza na sociedade em que está inserido.

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Dessa forma, ao sair do nível da singularidade, busca-se captar o movimento dialético e constante do objeto em análise, uma vez que ele não se encerra em si mesmo, mas está cotidianamente sujeito a alterações que são consequências do meio e de mudanças em suas percepções.

Considerando as fases antes apresentadas, a singularidade seria o momento em que o sujeito se difere dos demais, como alguém irrepetível e único. Ao conseguir superar esse imediato e passar a compreender as inúmeras mediações e determinações sociais a que o sujeito está relacionado, chega-se então, à particularidade, sendo esta o verdadeiro campo das mediações, das relações sociais. O cotidiano é o campo dessas particularidades.

Por último, entramos na última fase, de suspensão do cotidiano, no momento em que se busca considerar que aquele sujeito se insere na sociedade, apresentando, então, o caráter da universalidade, uma vez que ele é inegavelmente singular, apresenta particularidades, mas não foge à regra: faz parte de um grupo maior, representado pela sociedade.

Desse modo, a partir dessa análise pautada em uma reflexão consciente de quem é e da posição que o ser social ocupa no mundo que chegaremos à essência do trabalho: *“É essa a propriedade essencial do trabalho – ser um tipo de reação ao ambiente que produz algo ontologicamente antes inexistente, algo novo – que lhe possibilita destacar os homens da natureza”* (LESSA, 2007, p. 81).

Ainda diante da inquietação com que nos deparamos ao analisar a realidade na busca pela totalidade, devemos atentar, ainda, aos efeitos da causalidade e da casualidade. A primeira deve ser entendida como produto da relação causa x efeito; já a segunda dirá respeito aos fenômenos imprevisíveis que acometem e implicam no ser. Assim, a causalidade merece ser compreendida, também, a partir do que se entende por objetivação, utilizando, para tanto, do que Lessa (2012) nos traz

[...] a objetivação é o momento do trabalho pelo qual a transformação teleologicamente orientada de um setor da realidade dá origem a uma nova forma de ser, a uma “nova objetividade”. Essa “nova objetividade” é o mundo dos homens, uma esfera ontológica distinta da natureza. Essa distinção se radica no fato de o ser social ser uma síntese de teleologia e causalidade; síntese pela qual, sem deixar de ser causalidade e se converter em idealidade, a materialidade recebe determinações ideais e se converte em causalidade posta. (LESSA, 2012, p. 71, grifos do autor).

Convém apresentar agora um terceiro questionamento: e como esse ser social se comporta junto aos demais sujeitos, tendo em vista as atividades humanas por eles desempenhadas? É o que busca-se compreender no ponto que se segue.

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



### 4 Indivíduo e sua inserção no meio: processo de sociabilidade

Pensar o sujeito em sua totalidade sem nos remeter a pensá-lo dentro de uma sociedade, dentro de relações sociais que ele passa a estabelecer a partir do momento em que interage com o meio, é notoriamente impossível. Essa interação, ou simplesmente a sociabilidade, tornar-se-á possível a partir da linguagem, da cooperação e da posterior divisão do trabalho que será o momento a partir do qual o homem, engessado por um processo de consciência, transforma sua atividade laboral em trabalho útil.

Antunes (2001) evidenciará tal questão ao pontuar que:

Embora seu aparecimento seja simultâneo ao trabalho, a sociabilidade, a primeira divisão do trabalho, a linguagem, etc. encontram sua origem a partir do próprio ato laborativo. O trabalho constitui-se como categoria *intermediária* que possibilita o salto ontológico das formas pré-humanas para o ser social. Ele está no *centro do processo de humanização do homem*. Para compreender a sua essencialidade é preciso, pois, vê-lo tanto como momento de surgimento do *pôr teleológico* quanto como *protoforma* da práxis social. (ANTUNES, 2001, p. 136, grifos do autor).

Objetivando identificar de que forma o trabalho inserir-se-á na lógica das relações sociais, e, de igual modo, como o indivíduo, a partir das suas atividades laborais, irá aparecer dentro daquelas relações, convém partir do entendimento basilar do que essa categoria nos traz. Para tanto, vale apontar as colocações de Antunes (2004) acerca do entendimento de Marx sobre o trabalho, a saber:

“[...] o trabalho conheceu sua síntese sublime: trabalhar era, ao mesmo tempo, necessidade eterna para manter o metabolismo social entre humanidade e natureza. Mas, sob o império (e o fetiche) da mercadoria, a atividade vital metamorfoseava-se em atividade imposta, extrínseca e exterior, forçada e compulsória”. (ANTUNES, 2004, p. 138).

Ou seja, será a partir do trabalho que o homem irá desenvolver sua integração ao meio junto aos demais sujeitos sociais. Porém, na sociedade capitalista o trabalho passa a ter as características de opressão, exploração e dominação da classe burguesa em relação aos trabalhadores.

Considerando o país em que vivemos, o legado dos direitos sociais legalmente expressos desde a defesa destes pela considerada “Constituição Cidadã” de 1988, observa-se uma verdadeira contradição vislumbrada na situação enfrentada pelo exército industrial de reserva, cada vez mais crescente, e a super exploração da classe trabalhadora.

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



(MARTINELLI, 2006). A contradição entre a Carta Magna de 1988 e a realidade de destituição de direitos e desmonte das políticas públicas, são potenciadas em tempos neoliberais e de reestruturação produtiva.

Os poucos recursos direcionados à materialização dos direitos sociais geram o crescimento da vulnerabilização de diversos segmentos populacionais. Os trabalhadores acabarão sofrendo um processo que é consequência do modo capitalista de produção: a alienação, que será agora abordada.

## **5 Do trabalho alienado à busca pela emancipação: das contradições do mundo dos homens aos rebatimentos na prática dos assistentes sociais**

Diante da produção voltada ao atendimento da lógica produtivista de mercado, o trabalho será perpassado, ainda, por outros processos em paralelo. A alienação do ser social será um deles, situação onde o sujeito que converte sua força de trabalho em mercadoria passa a estranhar o que produz na medida em que não será conduzido para seu próprio uso, mas sim de terceiros.

Será, ainda, muitas vezes extraído a partir de horas de trabalho não pagas que geram mais-valia absoluta, convertidas em aumento de produção e conseqüente lucro para o proprietário e/ou dono dos meios de produção. O estudioso de Lukács, Mészáros (2006), traduz de forma esclarecedora tal conceito, ao indicar que

A alienação caracteriza-se, portanto, pela extensão universal da “vendabilidade” (isto é, a transformação de tudo em mercadoria); pela conversão dos seres humanos em “coisas”, para que eles possam aparecer como mercadorias no mercado (em outras palavras: a “reificação das relações humanas); e pela fragmentação do corpo social em indivíduos isolados” (*vereinzelte Einzelnen*), que perseguem seus próprios objetivos limitados, particularistas, “em servidão à necessidade egoísta”, fazendo de seu egoísmo uma virtude em seu culto da privacidade. (MÉSZÁROS, 2006, p. 39, grifos do autor).

Será, então, desenvolvido um constante ciclo de afirmação e de negação desse ser social, onde os interesses dialeticamente distintos e díspares levam à desigualdade em suas inúmeras formas como a mais cruel expressão de tal dicotomia, singularmente apresentada por Fernandes (1989), segundo vejamos:

Todas as conseqüências estão na determinação de que o trabalho se relaciona com o *produto do seu trabalho* como com um objeto *alheio*. Pois segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se gasta trabalhando, tão mais poderoso se

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



torna o mundo objetivo alheio que ele cria frente a si, tão mais pobre se torna ele mesmo, o seu mundo interior, tanto menos coisas lhe pertencem como seu/suas próprio/as. (FERNANDES, 1989, p. 150).

Nesse contexto de profundas contradições oriundas das difíceis condições de trabalho postas no cotidiano, torna-se cada vez mais incomum “planejar o futuro, uma vez que “[...] *sob o capital, a existência humana é reduzida à sua faceta menos humana: ou ser mero cofre para acumular capital ou, então, ser banido da civilização humana reduzindo-se à disputa por um pedaço de pão.*” (LESSA, 2007, p. 130)

Já no que concerne especificamente à atuação dos assistentes sociais, também partícipes de todo esse processo, Iamamoto (2010) evidenciará de modo particularmente delineado que

O exercício profissional não foge a essas determinações sociais. O assistente social, ao ingressar no mercado de trabalho – condição para que possa exercer a sua profissão como trabalhador assalariado – vende a sua força de trabalho: uma mercadoria que tem um valor de uso, porque responde a uma necessidade social e um valor de troca expresso no salário. O dinheiro que ele recebe expressa a equivalência do valor de sua força de trabalho com todas as outras mercadorias necessárias à sua sobrevivência material e espiritual, que podem ser adquiridas no mercado até o limite quantitativo de seu equivalente [...]. (IAMAMOTO, 2008, p. 217).

No entanto, do mesmo modo que o trabalho, se reduzido à mera produção para satisfação de interesses de uma minoria acaba por levar ao ciclo do estranhamento e da alienação daqueles sujeitos que vendem sua força de trabalhado em troca de um retorno financeiro, também há a possibilidade de se fazer dessa categoria fundante do ser social uma porta para a emancipação humana.

Tonet (2005) nos traz que, para Marx, a emancipação humana se constituiria na superação do modo de produção capitalista por uma nova ordem societária livre de toda forma de opressão, exploração e dominação. O socialismo seria a verdadeira história da humanidade, onde os seres humanos poderiam se desenvolver enquanto humanidade genérica.

Nesse sentido, apesar do arrefecimento da luta de classes causada pela barbárie do capital, não devemos perder a perspectiva revolucionária que nos possibilita alcançar um novo modelo societal em que as gritantes distorções refletidas em desigualdades possam ser assim dirimidas em prol de uma coletividade.

### **6 O “complexo de complexos”: linhas gerais sobre a atuais condições do trabalho**

VI seminário CETROS  
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL  
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Objetivando trazer para discussão como o mundo dos homens, o “complexo de complexos” parafraseando Lukács, vem contornando as relações laborais é que se pensou esta parte do presente estudo. A partir do trabalho desempenhado, em especial, pelos profissionais do Serviço Social, que se buscará apontar alguns indícios, ou mesmo reflexos por melhor dizer, do processo em que tal categoria encontra-se inserida.

Salienta-se, por oportuno, que, tais evidências, na verdade, perpassam outras tantas categorias profissionais que compõem a classe trabalhadora, apresentando-se na grande maioria das relações estabelecidas entre esta e os seus empregadores. Advindas dessas relações trabalhistas presentes na sociedade vigente, Antunes (2008) vai nos apresentar que tais indicações

[...] sugerem como são ricas as clivagens e transversalidades existentes hoje entre os trabalhadores estáveis e precários; entre homens e mulheres; jovens e idosos; nacionais e imigrantes; brancos, negros, índios; qualificados e desqualificados; empregados e desempregados, entre tantos outros exemplos que configuram o que venho denominando como a *nova morfologia do trabalho*. (ANTUNES, 2008, p. 31, grifo do autor).

O autor trará, ainda, a necessidade de se entender, de se buscar apreender sob que moldes o trabalho vem se reconfigurando frente aos ditames eminentemente neoliberais, voltados, quase que por inteiro, aos lucros oriundos da produção, em detrimento dos vínculos de trabalho, que, em contra partida, passam a ser cada vez mais precários e frágeis, acrescentando a esse respeito que

[...] para se compreender a nova forma de ser do trabalho, a classe trabalhadora hoje, é preciso partir de uma *concepção ampliada de trabalho*. Ela compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres, que vivem da venda da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. (ANTUNES, 1999, p. 148, grifo do autor).

Alves (2009), contextualizará satisfatoriamente esse momento atual descrito acima, ao revelar que

A experiência da precarização do trabalho no Brasil decorre da síndrome objetiva da insegurança de classe (insegurança de emprego, de representação, de contrato, etc.) que emerge numa textura histórica específica – a temporalidade neoliberal. Ela é elemento compositivo do novo metabolismo social que emerge a partir da constituição do Estado neoliberal. (ALVES, 2009, p. 189).

## VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



A perda de uma identidade sindical também será um elemento que comporá tal quadro em análise, (ALVES, 2009) onde as “greves gerais” perderão sua força e legitimidade aos poucos, descentralizando as negociações coletivas, e dando espaço às lutas por direitos e garantias de uma empresa de forma isolada e independente, senão vejamos:

Na verdade, a nova temporalidade histórica do capital, marcada pela precarização do trabalho no Brasil, tende a reconverter a “cultura de greve” para o âmbito das empresas. Consolida-se um defensivismo de novo tipo que irá marcar a cultura sindical sob a era liberal. A nova territorialidade das greves, restritas à empresa e não mais à dimensão da categoria de trabalhadores assalariados (ou mesmo da classe social) é expressão da nova morfologia social da precarização do trabalho.

Cabe considerar, inclusive, as colocações de Netto (2008, p. 225) ao considerar que “[...] o capitalismo contemporâneo particulariza-se pelo fato de, nele, o capital estar destruindo as regulamentações que lhe foram impostas como resultado das lutas do movimento operário e das camadas trabalhadores”.

Segundo o mesmo autor, deve-se buscar compreender essa nova forma de trabalho tão presente na conjuntura envolta pelo império do neoliberalismo, em que as relações trabalhistas tornam-se, cada vez mais, frágeis e de pouca durabilidade, evidenciando e caracterizando tal modelo.

Isso seria partir do pressuposto de que “[...] a flexibilização das relações é um elemento estratégico para a diminuição do custo no Brasil e a garantia de condições atrativas para a permanência de capital estrangeiro no país” (BEHRING, 2008, p. 229).

Nesse sentido, reforça-se o desafio permanente de afirmar o trabalho enquanto categoria fundante desse ser social aqui observado, uma categoria capaz de transpor as contradições e condicionalidades advindas do próprio sistema capitalista vigente e que lhes são postas no cotidiano em suas mais diversas esferas. Trata-se de compreender que

Essa dimensão dúplice e mesmo contraditória, presente no mundo do trabalho, que cria, mas também subordina, humaniza, degrada, libera e escraviza, emancipa e aliena, manteve o trabalho humano como questão nodal em nossas vidas. E, neste conturbado limiar do século XXI, um desafio crucial é dar sentido ao trabalho, tornando também a vida *fora* do trabalho dotada de sentido (ANTUNES, 1999, p. 138, ênfase dada pelo autor).

Nesse sentido, a postura deve ser claramente revolucionária visando uma nova ordem societária e de sociabilidade com a superação do modo de produção capitalista, onde a humanidade seria livre de toda forma de exploração, dominação, desigualdade de gênero,

**VI seminário CETROS**  
**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**  
desafios para a classe trabalhadora

---

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



classe e etnia. Portanto, o socialismo seria o sistema econômico que proporcionaria a emancipação social e a verdadeira história da humanidade.

### 7 Considerações finais

Partindo das reflexões explanadas durante este trabalho, compreender como se conceberam e foram se constituindo as relações entre a natureza, em seus diferentes níveis, e o gênero humano enquanto ser social, é de fundamental importância para a apropriação do contexto sobre o qual as bases dos saltos ontológicos foram possíveis.

Nesse sentido, partindo da premissa de que o conhecimento crítico apresenta um caráter e viés essencialmente emancipatório, refletir e problematizar acerca das relações sociais vigentes é caminho para a possibilidade de superação da sociedade capitalista. Em outras palavras, através de um movimento constante e consciente de luta em defesa dos direitos sociais e contra seus retrocessos, bem como de interpretação e análise crítica da realidade posta, com especial consideração dos fatores históricos e dos processos antagônicos que a perpassam, é que poderá ocorrer uma efetiva transformação social.

Já no que pertine, especificamente, à prática profissional dos assistentes sociais, deve-se buscar superar do pragmatismo do cotidiano, uma vez que este, muitas vezes, camufla a realidade posta, utilizando-se, para tanto, dos processos já apresentados de singularidade, de particularidade e de universalidade. Desse modo, para uma melhor apreensão da realidade os assistentes sociais devem, refletir verdadeiramente sobre o cotidiano a partir de sua compreensão crítica.

Portanto, diante da barbárie causada pelo capitalismo, faz-se imprescindível a superação desse modo de produzir, pois na sociedade do capital a exploração, a subalternização e a opressão são inerentes a esse sistema econômico. A atitude correta para a concretização da verdadeira história da humanidade e sua emancipação, seria o socialismo.

### Referências

ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

<p><b>VI seminário CETROS</b>  <b>CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL</b>  desafios para a classe trabalhadora</p>	
<p>ISSN: 2446-8126</p> <p>22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE  (Auditório Central - Campus do Itaperi)</p>	

\_\_\_\_\_. **Os sentidos do trabalho:** ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2001.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em contra-reforma:** desestruturação do Estado e perda de direitos. - 2ª ed. - São Paulo: Cortez, 2008.

DUAYER; ESCURRA; SIQUEIRA,. **A ontologia de Lukács e a restauração da crítica ontológica de Marx.** R. Katál, Florianópolis, v.16, n.1, jan-jun. 2013.

FERNANDES, Florestan. **Marx, K. E Engels, F.:** história. (Org. Florestan Fernandes) - São Paulo, Ed. Ética, 1989.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Serviço Social em tempo de capital fetiche:** capital financeiro, trabalho e questão social. - 4ª ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **O Serviço Social na contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. - 19ª ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

LESSA, Sérgio. **Para compreender a ontologia de Lukács.** Coleção Filosofia, 19. 3ª ed. Rev. E ampl. - Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

\_\_\_\_\_. **Mundo dos homens:** trabalho e ser sócia. 3ª ed. Revista e corrigida. – São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma ontologia do ser social.** 2 S. Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade humana.** IN. Temas de Ciências Humanas, S. Paulo: Livraria Ed. Ciências Humanas, 1978.

MARTINELLI, Maria Lúcia. **Serviço Social:** identidade e alienação. 10ª ed. - São Paulo: Cortez, 2006.

NETTO, José Paulo. **Economia política:** uma introdução crítica. / José Paulo Netto e Marcelo Braz. Biblioteca Básica de Serviço Social. v. 1 - São Paulo: Cortez, 2008.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana.** 2ª ed. - Editora Edufal – FUNDEPES, 2005.

# VI seminário CETROS

**CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL**

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126

